

A fotografia como documento e fonte de pesquisa para a recuperação histórica da Colônia Esperança

The photography as document and research source for the historical recovery in Colonia Esperança

LARISSA AYUMI SATO

Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (PR)

E-mail: lari_sato@yahoo.com.br

RESUMO

A utilização de fotografias como fonte de pesquisa e documento histórico tem se configurado como importante instrumento no processo de reconstituição da história de lugares de colonização recente, como a Colônia Esperança, comunidade rural situada na cidade de Arapongas (PR). O presente estudo considera que o resgate das imagens antigas dessa comunidade e a busca por detalhes que possam contextualizá-las tornam-se ferramentas importantes para recuperação dos trabalhos necessários à época de sua fundação e de cenários que hoje se encontram modificados pela passagem do tempo.

Palavras-chave: História da Colônia Esperança; Fotografia; Documento iconográfico; Fonte de pesquisa; História oral

ABSTRACT

The use of photography as research source and historical document has been set as important instrument in the process of historical recovery of recent settlement places as Colônia Esperança, rural community located in the city of Arapongas (PR). This study considers the rescue of this community's ancient images and the search of details that can contextualize this pictures become important tools for the recovery of the works needed at the time of its foundation and of scenarios that nowadays are modified by the passage of the time.

Keywords: History of Colônia Esperança; Photography; Iconographic document; Research source; Oral history

A história de diversas localidades não se encontra devidamente registrada e sistematizada. Em muitas situações, há documentos históricos que se perderam e histórias que já não podem mais ser recuperadas. Especialmente nessas situações, o uso da fotografia como fonte de pesquisa e documento histórico torna-se ferramenta fundamental para auxiliar no processo de recuperação da trajetória do nascimento e desenvolvimento desses locais. Esse é o caso Colônia Esperança, comunidade formada por japoneses católicos que viviam no Brasil, situada entre as cidades de Arapongas e Apucarana no norte do Paraná.

O início dessa história se deu em 1934, na chamada Gleba Pirapó, em uma área de cerca de mil alqueires. A denominação Colônia Esperança surgiu da união entre a fé (em japonês *shin*) e o amor (*ai*), que faz nascer a esperança. Sua fundação ocorreu antes mesmo da demarcação das terras destinadas ao município de Arapongas, ao qual pertence. A região, de águas próximas, limpas e abundantes, chamou a atenção de Koshiro Suzuki, missionário japonês que veio catequizar em terras brasileiras e estava em busca de terras férteis onde se pudesse organizar uma colônia.

Nesta análise, [1] apresenta-se, por meio de fotografias, uma amostra dos trabalhos iniciais necessários para tornar aquelas terras habitáveis. Entre os esforços iniciais, era preciso abrir caminhos em meio à mata virgem, enfrentar as adversidades do clima e da floresta, conviver com a falta de recursos e vencer a distância de outros povoamentos.

Para complementação deste estudo, utilizam-se ainda como instrumentos auxiliares de pesquisa os depoimentos orais dos descendentes dos primeiros moradores, pesquisa bibliográfica e em documentos históricos.

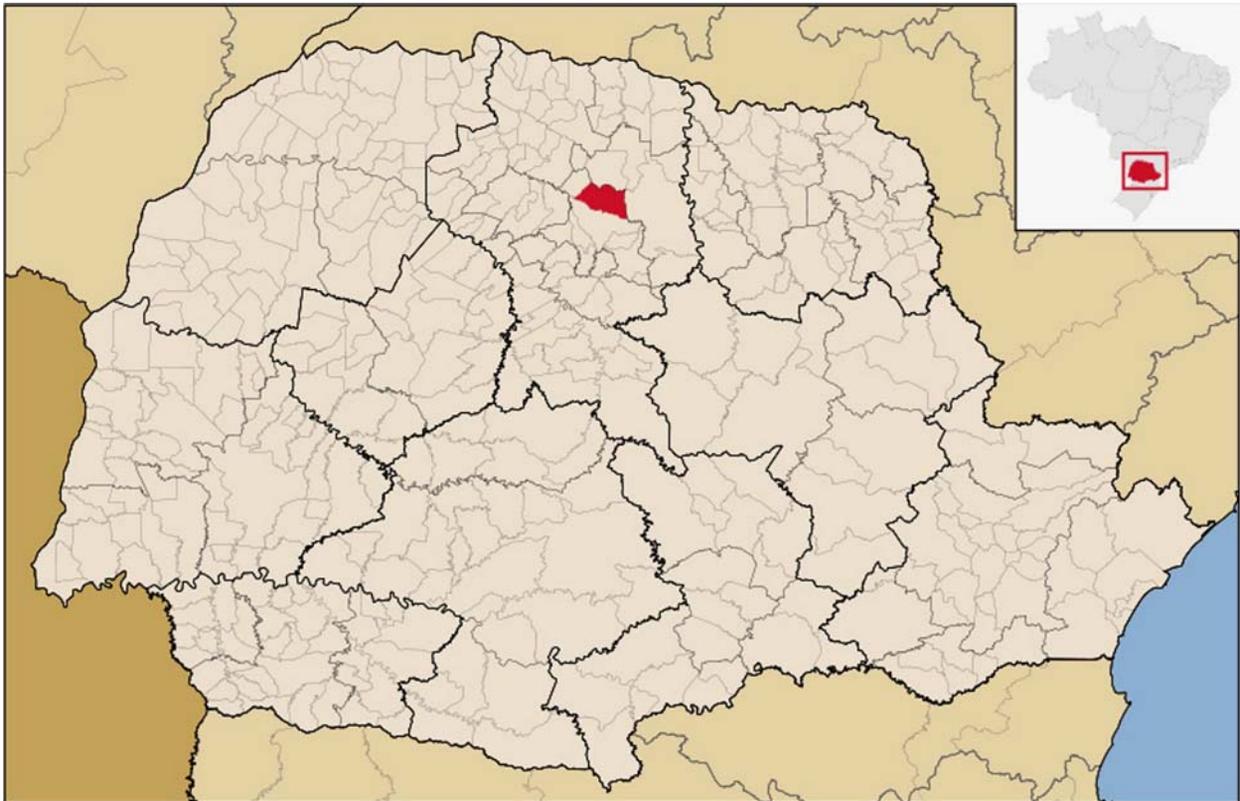
O SURGIMENTO

Na década de 30, toda a região norte do Paraná era uma imensidão de floresta fechada. Ao todo, eram cerca de 1.246.300 metros quadrados de terras férteis que a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) - que posteriormente mudou de nome para Companhia Melhoramentos Norte do Paraná - comprou do governo do estado entre 1925 e 1927. A CTNP foi a responsável pelo loteamento e venda destes terrenos. De acordo com

1 – Este artigo apresenta parte dos resultados obtidos na dissertação de mestrado de Larissa Ayumi Sato, defendida em fev. 2010 na Universidade Estadual de Londrina.

Alonso (1998: 5), a divulgação era feita em todo o país, e a região norte do Paraná ficaria conhecida como Eldorado Paranaense. Arapongas, a cidade em que fica a colônia [FIG. 1] era parte integrante do empreendimento.

Figura 1



Mapa de Arapongas, localizada no norte do Paraná (Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parana_Municip_Arapongas.svg/Acesso em: 20 out. 2009)

Com a iniciativa do agenciador Hikoma Udihara, incentivou-se a criação de colônias cujo modelo era inspirado naquelas existentes no estado de São Paulo. Para vender as propriedades no norte do Paraná, Udihara visitava as colônias japonesas do estado vizinho, atrás de nipônicos empregados nas lavouras de café. Entre os argumentos para convencê-los a virem para Londrina, estava a venda lotes baratos e de forma facilitada pela CTNP (CESARO, 2007: 102). Na época, os japoneses tinham suas economias, mas essas não eram suficientes para adquirir terrenos em São Paulo, por causa da valorização. “Udihara os convencia a aplicar suas

economias na compra das terras no Norte do Paraná, onde eram mais baratas; dizia-lhes que o futuro era aqui” (Idem: 102).

Em uma dessas viagens, na cidade de Promissão (SP), Udihara conheceu o catequista Koshiro Suzuki e o padre Emilio Kircher, missionário da Companhia de Jesus. Udihara explicou à Suzuki o plano de formar um núcleo habitacional de famílias japonesas nos arredores da futura cidade de Arapongas, que, à época, em meados de 1934, era apenas um projeto no início da divulgação de vendas de lotes.

Na comunidade em que viviam Koshiro Suzuki e o padre Emilio, já havia a intenção de procurar outro local para formar um novo povoado. De acordo com Inácio Suzuki, [2] filho mais velho do pioneiro, essa ideia tinha alguns propósitos. Nos tempos de catequista na região oeste de São Paulo, Koshiro percebeu que havia muitos falecimentos de jovens mães e crianças, e ficou intrigado sobre a causa de tantas mortes. Depois, descobriu que a razão era a malária. “Na época, não havia remédio para controlar essa doença”. E seu pai, explica, buscou um lugar onde não houvesse esse mal.

Outra observação do pioneiro era que pessoas vindas da mesma região no Japão costumavam se fixar em locais próximos uns dos outros no Brasil, por causa da afinidade cultural. Como consequência, no decorrer dos anos, os casamentos acabavam se realizando entre parentes, e as crianças começaram a nascer com problemas devido ao parentesco. Koshiro Suzuki pensou em unir japoneses de outras localidades para tentar evitar o transtorno.

Na região de Promissão, predominavam japoneses vindos de Fukuoka, com exceção da família de Rikitaru Maruo, de Nagasaki. De acordo com Igarashi (2005: 189), os pioneiros da colônia eram “provenientes principalmente das províncias de Nagasaki e Kumamoto e dos arquipélagos de Goshima e Shimahara Hantô, onde eram tradicionais cristãos de mais de 100 anos”.

Essas pessoas “ouviram notícias de que no Paraná havia terras roxas mais férteis que a região arenosa de São Paulo” (SOUZA, 1996: 277). Em conversas com o padre Emilio Kircher, comentavam sobre histórias a respeito do Paraná. “Estavam abrindo uma região de terra vermelha,

2 – Entrevista
concedida à autora
em 13 jun. 2008.

terra muito boa, onde tinha bastante água”, conta Inácio.

Para conhecer as tais terras, de acordo com Alonso (1998: 5), Koshiro Suzuki, Momota Kawazaki, Shoji Sakate e Zenzi Watanabe vieram de carona com Jintaro Watanabe, funcionário de uma empresa de cinema ambulante. Watanabe trazia para os japoneses filmes que eram fator importante, nas palavras de Inácio, para “carregar as baterias do espírito japonês”. Seguiram com Watanabe até Cambará, e depois chegaram a Londrina, onde havia um escritório da CTNP, de Udihara os levou para as terras da futura colônia.

E como perguntar sobre a incidência de malária, se ninguém sabia? A solução encontrada por Koshiro foi pousar algumas noites à margem do rio, e servir de “isca” para os mosquitos. Como não sentiu sintomas, “confirmou no corpo dele que não havia malária nesse local”, diz Inácio. Nas palavras de Souza (1996: 280), “não estaria arriscando a vida de ninguém”.

De volta a Promissão, Koshiro relatou ao padre Kircher a fertilidade da terra vermelha, depois de ver cafezais de Cambará. Reuniram a comunidade para falar a respeito das promissoras terras, e também divulgaram em jornal da capital paulista a ideia de formar uma colônia de japoneses católicos no Paraná. Koshiro Suzuki dizia que eles se empenhavam muito: pelo esforço dos padres (de Promissão), eles não podiam ficar de braços cruzados – foram juntos formar a colônia. Para Inácio, “Deus iluminou a cabeça dele, como Abraão à procura de uma terra nova”.

PRIMEIROS PASSOS NA NOVA TERRA

O acordo fechado entre Koshiro Suzuki e Hikoma Udihara previa mil alqueires para a colônia. Koshiro não tinha condições de comprar todas aquelas terras, mas a CTNP propôs que ele ajudasse na venda daqueles sítios para os japoneses: a cada cem alqueires vendidos, ganharia um.

A única exigência que fez é que reservassem para ele 10 alqueires ao lado da igreja, para que quando pudesse pagar, tomasse posse. A colonizadora concordou com o pedido, e anos mais tarde, Suzuki pagaria o valor do lote com o seu trabalho (SOUZA, 1996: 281). Alves (1993: 10) destaca que foi preciso

Dormir em tronco de árvore amarrado em cipó para fugir do assédio das onças e outros animais, caminhar mais de 40 quilômetros pela picada da mata para sepultar os mortos em Londrina, enfrentar o risco da morte pelo contágio da maleita e passar fome no meio da floresta hostil.

Para Koshiro Suzuki, o período que mais o marcou, em termos de sofrimento, foram os primeiros anos na mata da Colônia Esperança. Abrir caminhos na densa floresta era um trabalho estafante para ele. Além disso, por não ter lugar para se acomodar, subia em grandes árvores e amarrava seu corpo com cipós para não cair quando o sono viesse. Para aumentar a segurança, acendia uma fogueira embaixo da árvore para afastar os animais ferozes que ali transitavam, na maioria onças (SOUZA, 1996: 280).

A primeira medida dos católicos japoneses, assim que abriram uma pequena clareira na mata, foi erguer a cruz de peroba bruta. Com este tipo de madeira, ergueram ainda um pequeno templo, coberto com folhas de palmito e, para marcar o início da vivência católica na colônia, o padre Emílio Kircher celebrou a primeira missa da comunidade japonesa em 13 de setembro de 1936.

A habitação da colônia começou no dia cinco de maio de 1935, data gravada em um monumento comemorativo erguido nos jardins da Igreja Sagrado Coração de Jesus. As primeiras famílias a chegar, em 1936, foram as de Yurio e Haruyoshi Hasegawa, Suezio Okuyama, Shinzu Suzuki, Takeo Yokuyama, Kentaro Hirata, Minoru Tamura, Uiti Hirata, Zeno Aoki, Ruiko Hirata, Wataru Matsuo, Tomio Handa e Seigo Sagae.

Cada proprietário poderia adquirir propriedades com tamanho entre cinco e 15 alqueires, de acordo com Inácio Suzuki, para que pudessem entrar o maior número possível de pessoas naquela área. Em 1937, vieram mais 12 famílias e criou-se a associação de moradores, dirigida por Koshiro. Com o tempo, os moradores ergueram a igreja de madeira, que, anos mais tarde, teve que ser parcialmente demolida e reconstruída com uma parte em alvenaria.

Em 1941, a colônia construiu sua primeira escola – então o maior

estabelecimento de ensino de primeiro grau da região, de acordo com Igarashi (2005). Em 1944, transformou-se em grupo escolar, motivo de muita festa para os moradores. A Casa Paroquial foi construída, e, em 1946, inaugurou-se a nova sede da associação. No final da década de 40, existiam mais de 70 famílias morando na localidade.

TEÓRICOS E PESQUISADORES

Desde o princípio de sua história conhecida, a Colônia Esperança foi sendo transformada principalmente através da ação dos pioneiros. Naquele momento em que todos estavam mais preocupados em sobreviver, não era comum produzir registros com o intuito de guardar documentos históricos para a posteridade. No entanto, já havia certa cultura da imagem – as atividades na nova terra, mesmo que em pequena escala e não disseminadas, foram retratadas por lentes fotográficas.

Nesse sentido, se uma das funções da fotografia é a de aproximação com o real, estas imagens trazem o efeito de sentido de que possuem uma capacidade especular. No entanto, deve-se considerar que a fotografia é um recorte de uma cena; uma tomada de um dado aspecto do mundo. Através de características como luminosidade, intensidade da variação de tons, espacialidade, e temporalidade, a imagem forma e produz conhecimento. Denota qualidades sensíveis, inerentes ao mundo natural, que podem ser interpretadas perceptual e cognitivamente pelas pessoas.

O efeito de realidade conseguido pela fotografia é um diálogo de aproximação com o mundo natural. Nesse caso específico da Colônia Esperança, utilizam-se as imagens documentais, que Camargo (2008) define como

(...) aquelas que detêm ou retêm em si dados inerentes ao momento de sua tomada, ou seja, trazem marcas ou indícios que recuperam em parte ou em todo o ato, fato ou evento em que se originaram. Interfaces com o mundo.

Esta mídia, cada vez mais utilizada para reconstituir cenários, rever detalhes e situações da história, é de grande importância para a busca de

“pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo observador”, segundo Kossoy (2007: 41). Sua importância se dá, de acordo com o pesquisador, porque

Trata-se dos indícios existentes na imagem (iconográficos), e que, acrescidos, de informações de natureza histórica, geográfica, geológica, antropológica, técnica, a carregam de sentido. Um conjunto de informações escritas e visuais que, associadas umas às outras, nos permitem datar, localizar geograficamente, identificar, recuperar enfim, micro-histórias de diferentes naturezas implícitas no documento.

Tais informações contidas nas imagens, sob a ótica de Borges (2005: 73), são importantes no sentido de remeter à cultura material de determinado período histórico e determinada cultura, além de ser “uma forma simbólica que atribui significado às representações e ao imaginário social.”

Além disso, diversos aspectos que possam ter se perdido nas recordações de quem viveu aquele determinado acontecimento retratado podem ser rememorados pelas imagens fotográficas. Parte do fascínio exercido pelas fotografias explica-se nas palavras de Sontag, ao defender que

fotos podem ser mais memoráveis do que imagens em movimento porque são uma nítida fatia do tempo, e não um fluxo. [...] Cada foto é um momento privilegiado, convertido em um objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outras vezes (SONTAG, 2004: 28).

Isso porque, segundo a autora

a fotografia faz mais do que redefinir o conteúdo da experiência cotidiana (pessoas, coisas, eventos, o que quer que vejamos – ainda que diferentemente e muitas vezes com desatenção – com a visão natural) e acrescenta vastas quantidades de material que jamais chegamos a ver (SONTAG, 1981: 150).

Ao analisar imagens, a descoberta de informações passa pelo vaguear por sua superfície. Nesse sentido é que Flusser defende que

quem quiser ‘aprofundar’ o significado e restituir as dimensões abstraídas, deve permitir à sua vista vaguear pela superfície da imagem. Tal vaguear pela superfície é chamado *scanning*. Este olhar mais atento da fotografia revela conotativamente seus símbolos e o olhar do pesquisador estabelece relações temporais entre os elementos. É o tempo do eterno retorno, com o qual se pode dizer que “o olhar diacroniza a sincronicidade imagética por ciclos (FLUSSER, 2002: 8).

No entanto, deve-se lembrar que as imagens técnicas (produzidas por aparelhos, como é o caso da fotografia) são recortes de tempo e espaço da realidade. Não conseguem dar conta de reproduzir todo o ambiente do que, um dia, fizeram parte. Para Flusser (idem: 15), o alerta é que as “imagens técnicas, longe de serem janelas, são imagens, superfícies que transcodificam processos em cenas. Como toda imagem, é também mágica e seu observador tende a projetar essa magia sobre o mundo”.

A análise das imagens baseia-se em uma metodologia sintetizada “num famoso ensaio de Panofsky, inicialmente publicado em 1939, distinguindo três níveis de interpretação correspondendo a três níveis de significação no próprio trabalho”, como cita Burke (2004: 45). São esses os níveis:

1 - Descrição pré-iconográfica: voltada para o “significado natural”, consistia na identificação de objetos e eventos. Em Kossoy (2007: 47), nível primário.

2 - Análise iconográfica: no sentido estrito, voltado para o “significado convencional”, identificando e estabelecendo relações com outros acontecimentos. Nível secundário, descrito por Kossoy (Idem: 47).

3 - (principal): Interpretação iconológica: distinguia-se da iconografia pelo fato de se voltar para o “significado intrínseco”. Em outras palavras, “os princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, um período, uma classe, uma crença religiosa ou filosófica”. É nesse nível que

as imagens oferecem evidência útil, de fato indispensável, para os historiadores culturais (BURKE, 2004: 45). Mais profundo, busca o conteúdo que comporta valores simbólicos, nas palavras de Kossoy (2007: 47).

Em detalhamento de cada uma das etapas, a ‘descrição pré-iconográfica’, de acordo com Panofsky (2001: 50), consiste na descrição dos elementos que constituem e fazem parte da fotografia, sem mais considerações.

Já a ‘análise iconográfica’ pressupõe a identificação do tema secundário ou convencional, que permite ligar “os motivos artísticos e as combinações de motivos artísticos (composições) como assuntos e conceitos” (Idem: 50). Para o autor, os “motivos reconhecidos como portadores de um significado secundário ou convencional podem chamar-se de imagens, sendo que combinações de imagens são o que os antigos teóricos de arte chamavam de *invenzioni*, que se identificam como estórias e alegorias. “A identificação de tais imagens, estórias e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por ‘iconografia’” (Ibidem: 50).

Além disso, a análise iconográfica, tratando das imagens, estórias e alegorias em vez dos motivos, pressupõe “a familiaridade com temas específicos, conceitos e temas específicos transmitidos por fontes literárias; aquilo que os autores das representações liam ou sabiam”. (Ibidem: 58) Assim, Panofsky “insistia na idéia de que imagens são parte de toda uma cultura e não podem ser compreendidas sem um conhecimento daquela cultura” (BURKE, 2004: 46).

É com a aplicação desta análise iconográfica em fotografias que se empreende, segundo Kossoy (1999: 58), uma “verdadeira ‘arqueologia’ do documento”. Sugerem-se duas linhas de análise multidisciplinares “para a decodificação de informações explícitas/implícitas no documento fotográfico e no suporte que o contém”.

Em se tratando da ‘interpretação iconológica’, é a busca pelo significado intrínseco ou conteúdo “apreendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra” (PANOFSKY, 2001: 52). É o detalhamento e as relações que se podem extrair dos elementos da

imagem. Para o autor, “uma interpretação realmente exaustiva do significado intrínseco poderia até nos mostrar técnicas características de um certo país, período ou artista” (Idem: 2001: 52).

Na interpretação iconológica, deseja-se captar os “princípios básicos que norteiam a escolha e apresentação dos motivos, bem como da produção e interpretação de imagens, histórias e alegorias, e que dão sentido até aos arranjos formais e aos processos técnicos empregados” (Ibidem: 62).

Enfim, “busca-se, pela interpretação iconológica, decifrar a realidade interior da representação fotográfica, sua face oculta, seu significado, sua primeira realidade, além da verdade iconográfica” (KOSSOY, 1999: 60).

Por fim, para alicerçar e complementar as informações obtidas pelo uso da imagem fotográfica como documento histórico, utilizam-se depoimentos de pessoas que viveram e conviveram com os primeiros moradores da Colônia Esperança – a história oral. Meihy (2002: 146) defende a utilização de relatos aliados a outros documentos, e “mesmo considerando que ela é narrativa de uma versão do fato, pretende-se que a história oral temática busque a verdade de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma versão discutível ou contestatória”.

ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS

Os trabalhos necessários para a abertura das matas na fundação da Colônia Esperança são reafirmados sempre que relatam episódios daquela época. As memórias do período se tornam mais facilmente compreensíveis se aliadas a imagens como as apresentadas neste estudo [FIGs. 2, 3, 4 e 5], que se encontram no acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus e foram digitalizadas para a utilização neste projeto. Por meio da observação de detalhes e informações das mesmas, é possível demonstrar os aspectos físicos e ambientais da localidade, bem como as histórias a respeito dos esforços e do espírito de cooperação dos moradores.

Na imagem [FIG. 2] observam-se, na descrição pré-iconográfica, pela floresta fechada ao fundo, os primeiros trabalhos para a abertura da mata virgem na Colônia Esperança, em meados de 1935. Notadamente, a paisagem é composta de araucárias nativas (além de outras espécies não-identificáveis ao fundo), típicas da região sul do Brasil, e uma clareira

Figura 2

**Primeiros trabalhos na Colônia Esperança**

(Fonte: Autor desconhecido. Acervo: Igreja Sagrado Coração de Jesus)

aberta pelos desbravadores. Há cinco pessoas em pé, e muito provavelmente uma delas é um padre, devido ao traje escuro, provavelmente uma batina, diferente dos demais.

Verifica-se, também, uma estrutura inicial já erguida – são dois abrigos feitos de madeira e cobertos com palha. À esquerda, muitos galhos, provavelmente retirados das árvores que serviriam de base para a construção das habitações, em análise iconográfica.

A partir desta imagem, pode-se inferir que a intenção do fotógrafo, ao registrar as primeiras atividades na localidade, não devia ser exatamente guardar um documento histórico, mas talvez uma lembrança sobre os primeiros acontecimentos da região. Hoje, ao analisá-la, ela se torna um documento que informa detalhes históricos.

Muito provavelmente, a fotografia foi tomada a partir de uma câmera amadora. Mesmo assim, há uma composição harmoniosa: as pessoas estão em ponto-ouro e plano médio, que interage o sujeito ao ambiente. A luminosidade está prejudicada, bem como a qualidade e a resolução,

por se tratar de reprodução da original. É uma imagem posada, muito provavelmente devido às condições técnicas à época.

Apesar de não haver informações sobre o tipo de câmera fotográfica utilizada, percebe-se certa profundidade de campo. As árvores retratadas ao fundo parecem estar mais próximas do que realmente estão, o que evidencia um achatamento da perspectiva. Ainda assim, a fotografia dá conta de ambientar o leitor, remetê-lo ao início da colônia e contextualizá-lo com aquela realidade dos anos 30.

Trata-se de uma imagem paisagística, com harmonia e organização dos elementos. O pequeno acampamento é o ponto central, contendo elementos vivos e se destaca em uma clareira aberta em meio à mata. A partir dessa infraestrutura primária, infere-se que os trabalhos já estão acontecendo há certo tempo.

Com base no tamanho das araucárias à direita, e relacionando-as com a altura das pessoas no acampamento, pode-se ter uma idéia da altura a que chegavam as árvores naquela época. Outro fator a ser notado é a presença apenas de homens. Em interpretação iconológica, abrir caminhos em meio à mata virgem era tarefa árdua, relegada a eles. Somente depois de possuir alguma estrutura é que mandavam vir as famílias. A relevância dessa imagem está justamente no fato de remeter a uma realidade que existia anteriormente, e que se encontra bastante modificada na atualidade.

Os resquícios históricos da comunidade ali presentes registram fatos que poderiam estar restritos somente à memória dos pioneiros, mas que podem ser reconstituídos por meio dessas fotografias, hoje utilizadas para documentar este período em seu contexto social, juntamente com a fotografia a seguir. [FIG. 3]

Com a observação de detalhes presentes em imagens fotográficas como essa, pode-se entender melhor as lembranças dos que viveram naquela época. Como descrição pré-iconográfica, pode-se considerá-la como uma continuação da imagem anterior, [FIG. 2] dos trabalhos iniciais. Logo após a abertura da clareira, era preciso cortar as toras para a construção de abrigos e abrir caminhos em meio à mata fechada – e essa tarefa exigia cooperação e força, em análise iconográfica.

Figura 3

**Homens trabalhando na abertura da mata**

(Fonte: autor desconhecido. Acervo Igreja Sagrado Coração de Jesus)

Naquele instante congelado, as toras começavam a ser organizadas, após a limpeza dos troncos e a abertura de uma clareira. Em interpretação iconológica, os homens que vieram ajudar a abrir a mata na Colônia Esperança usavam camisas de mangas compridas – necessárias, já que a região era fria e havia muitos insetos em meio à mata fechada. Calças compridas também eram elementos obrigatórios. As roupas eram provavelmente confeccionadas com tecidos rústicos, como brim e algodão, para que fosse possível suportar as intempéries do clima e da floresta. Um dos homens veste, inclusive, um colete – mais comum em trajes sociais. Os calçados usados eram botas, algumas de cano alto, para melhor proteção contra o desconhecido. Afinal, era preciso se proteger das intempéries do clima e tentar fugir das condições adversas em meio à mata. O trabalho era braçal, com instrumentos como foices e enxadas.

Na imagem a seguir, [FIG. 4] também provavelmente do início dos trabalhos na comunidade, retrata-se em descrição pré-iconográfica o modo

Figura 4



União de forças para o transporte braçal de toras

(Fonte: Autor desconhecido. Acervo Igreja Sagrado Coração de Jesus)

como era realizado o transporte das árvores derrubadas. A imagem evoca o difícil acesso à região, solucionado com a união e o trabalho comunitário, temas recorrentes quando o assunto é a abertura da mata. O chão de terra apresenta cascas de árvores, que devem ser restos da limpeza de troncos.

Em análise iconográfica, após a derrubada de árvores e abertura de clareiras, já era possível começar a montar as primeiras estruturas para propiciar proteção contra as chuvas e o sol. Como o peso das toras era mais do que suporta um homem, e a mata era fechada, impossibilitando a utilização de veículos, a maneira encontrada para carregar a madeira era, literalmente, unir forças. Com cordas e varas menores, faziam-se suportes para carregar as toras pesadas de um modo facilitado, em grupo, em interpretação iconológica. Segundo informações dos moradores da colônia, trata-se do mutirão para a construção da cruz de peroba, símbolo inicial da fé católica daquela comunidade.

Também uma imagem de câmera amadora, a figura em questão mostra uma perspectiva dos elementos que a compõem, além de contextualizar e integrar sujeitos e ambiente. O tema central é o trabalho realizado pelos homens de carregar a tora. Ou seja: mesmo por acaso, há certa noção de composição fotográfica.

O efeito de realidade conseguido por essa imagem é obtido graças ao seu caráter documental. O retrato histórico do espaço da natureza quase intacta enfrenta alguns problemas apresentados pela fotografia, como o pouco contraste entre claro-escuro e baixa qualidade de resolução – resultado, também, de ser a imagem uma reprodução da reprodução.

Assim como as demais fotografias, a aplicação na atualidade é, principalmente, como fonte de descobertas sobre um passado de luta e trabalho duro da comunidade, e a conseqüente união que este tipo de atividade proporcionava. Valoriza exatamente a importância do trabalho coletivo para que se tornasse possível e viável a construção de uma comunidade católica japonesa no norte do Paraná.

A função que se sobrepõe é a informativa. Ainda que a imagem não possa revelar todos os detalhes sobre aquele determinado momento histórico, é importante seu valor como documento informativo – essencial para reconstrução da memória da Colônia Esperança.

Na fotografia, [FIG. 5] em descrição pré-iconográfica, retrata-se o momento da chegada ao acampamento após a caça. Ao fundo, algumas araucárias. Os pioneiros exibem dois animais caçados na mata, próximo ao abrigo coberto de palha, em imagem provavelmente do início dos trabalhos na comunidade, em análise iconográfica.

Além de detalhes presentes nas demais fotografias, em interpretação iconológica, infere-se a necessidade de caçar para poder se alimentar – já que os trabalhos eram feitos justamente para abrir regiões para plantio. A arma, provavelmente uma espingarda, era necessária para a caça e enfrentar os perigos da nova região. A caça era presa pelas patas em um galho, para que o peso pudesse ser dividido entre duas pessoas, até que fosse possível retornar ao acampamento. Os animais aparentam ser porcos do mato, ou mesmo macacos. Também há um balde metálico à direita da imagem, que poderia ser utilizado para buscar água ou armazenar comida, por exemplo.

Figura 5



De volta ao acampamento, o grupo exhibe o resultado da caça
(Fonte: Autor desconhecido. Acervo Igreja Sagrado Coração de Jesus)

Colônia que surgiu do amor e da fé, a Esperança foi construída pelo esforço e trabalho conjunto dos pioneiros que depositaram ali os seus sonhos de uma vida renovada nesse país tão diferente de sua terra natal. Neste trabalho, com a utilização de análise imagética, confirma-se o que se conta de geração em geração sobre o início da colonização desta localidade.

Com a utilização de fotografias como documentos históricos, guardadas as limitações de caráter técnico e de possibilidades acerca da imagem em si (que não consegue dar conta de todos os aspectos de uma cena e mostra apenas um recorte espacial e temporal de determinada cena), torna-se visivelmente mais fácil perceber detalhes que somente documentos escritos ou relatos orais não seriam capazes de descrever. A partir de testemunhos visuais, como estas imagens, emanam também lembranças que ainda podem ser registradas, necessárias para a preservação da memória da Colônia Esperança, e contribui-se para a sistematização de uma história até então somente registrada pela memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Antonio Padilha. *Comunidade Nipo-brasileira de Arapongas, Paraná*. História – pioneiros – atualidades. Londrina: Modelo, 1998.
- ALVES, Edinelson. “A luta pela sobrevivência na mata”. *Folha de Londrina*. Londrina, 24 jan. 1993. *Caderno Paraná*, p.10.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru: Edusc, 2004.
- CAMARGO, Isaac Antonio. ‘Categorias de imagens’. 30 abr. 2008. Notas de sala de aula.
- CESARO, Caio Julio. “Memória e identidade regional no cinema de Udihara”. In: *Discursos fotográficos*. Londrina, v.3, n.3, p.97-112, 2007.
- COMPANHIA Melhoramentos Norte do Paraná. *Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná*. São Paulo: Edanee, 1975.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma Futura Filosofia da Fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- GOUVEIA, José de. *Almanaque do Município de Arapongas 1947-1957*. Arapongas: s.ed. 1957.
- IGARASHI, Toshio. *História da Imigração Japonesa no Paraná*. Londrina: s.ed., 2005.
- KOSSOY, Boris. *Os Tempos da Fotografia: o Efêmero e o Perpétuo*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- _____. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2002.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- SONTAG, Susan. *Ensaio Sobre a Fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.
- _____. “Na caverna de Platão”. In: *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das letras, 2004, p.11-35.
- SOUZA, Naici Vasconcellos de. *Pioneiros de Arapongas: Semeadores do Progresso*. Volume 1. Arapongas: Edição da autora, 1996, p.276-286.